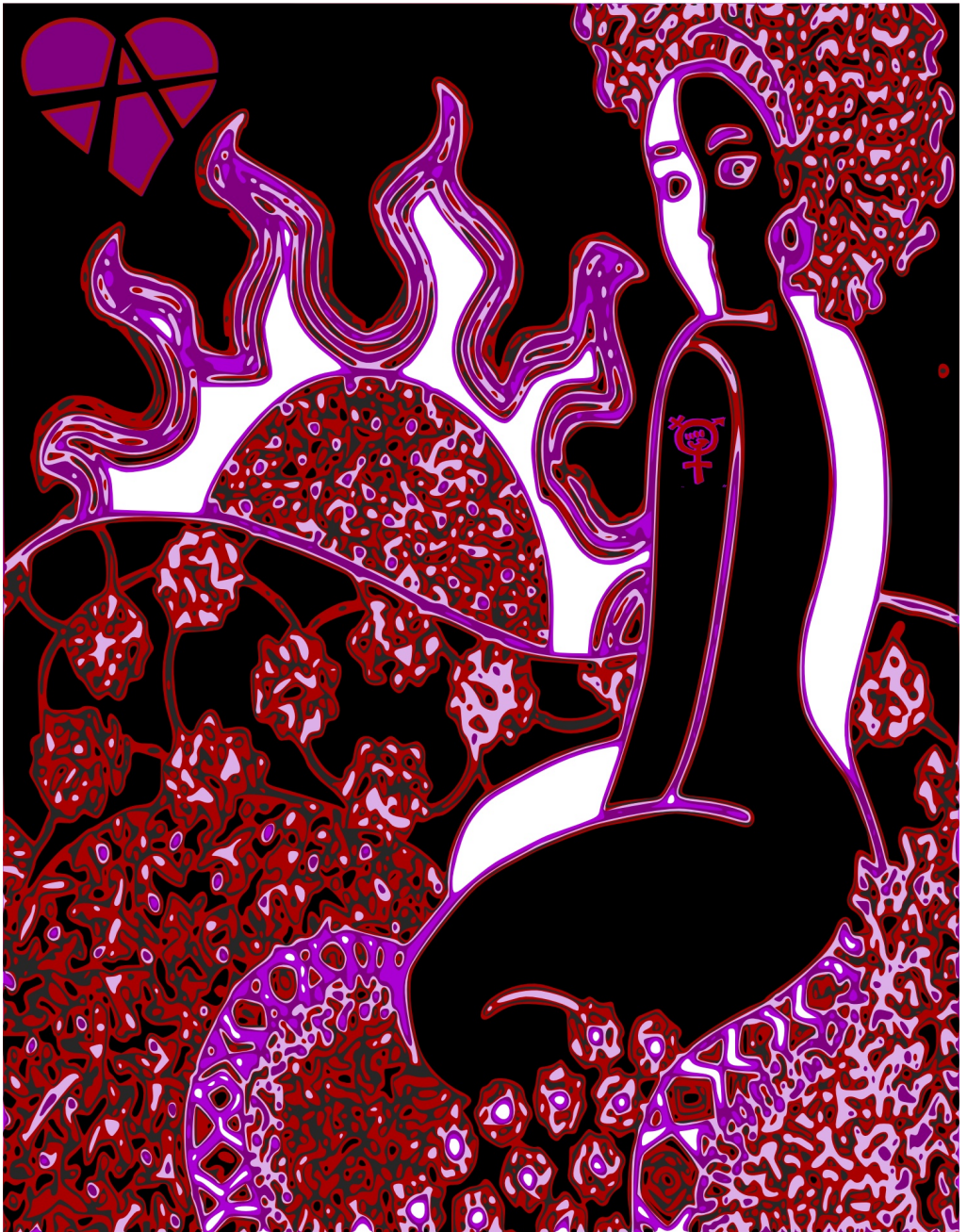
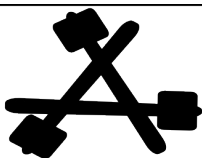
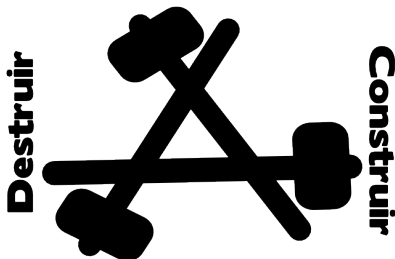
aurora obreira

nº 80

desde 2010

aurora obreira

desde 2010

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta para divulgação e propaganda do anarquismo.sem partidos, sem religião, sem Estado.

Número 80 - Ano 6 - Outubro 2017.
Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes, sem opressão e sem exploração.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Movimento Anarquista, Danças das Idéias, ATB, Iniciativa Federalista Anarquista-Brasil
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 17

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

EDITORIAL

Teoria...

Pensar é uma conjunto interno e externo de percepções. Se estimula o pensar através das experiências e vivências que ocorrem com cada ser e grupo de seres. Seria prepotência alegar que uma forma de pensar seja correta ou verdadeira. Os fatos tratados assim nos oferece uma perspectiva, uma realidade feita dessa forma instavel e suscetivel as nossas angustias, desejos, esperanças e ilusões.

O contexto prático, principalmente quando vínculado a política nos torna vulneráveis a ideologia e essa sempre que pode se disfarça de teoria. Nos leva a crer que para pensar "corretamente" sejam necessários instrumentos considerados conceitos e se estes se articulam de forma "coerente", temos um sistema, uma teoria.

Essa pretensa teoria se torna o nivelador que tende a repelir tudo que não se enquadre em sua estrutura de coerência conceitual: subjetividades, palpites, aparências, etc. Se omite sobre a possibilidade de que o olhar teorico preconcebido sobre determinada

lente “correta” ou “verdade”, possa no fato, estar apenas a refletir borrões na lente.

Uma estrutura social qualquer constrói sua teses e conceitos e nelas depositam sua crença, por verem coerência, ao menos para si, dentro de sua estrutura. Busca teorizar a organização, a sua Organização, mas sempre limitada a sua capacidade de se ver e ao mundo que o cerca e que pretensamente até busca a proposta de um programa, condicionada a sua experiência como corpo social.

Disso simula uma concepção da importância constituir uma teoria que possa atender as suas necessidades de compreensão e percepção de si, sobre o pretexto que a falta disso, remove da organização sua identidade e sentido de sua existência.

Isso leva a conceber uma receita de bolo e cagação de regras para avaliar a história e que se possa gerar as condições necessárias para um processo de mudança. Uma vez calibrado para ver o que ser quer nos fatos, as mais notaveis distorções de conjuntura se apresentam as deslumbradas pessoas que gritam “eureka!” a toda pedra lançada pela “revolta da vez”!

Conforme os olhos se tornam mais turvos aos dogmas gerados, a cegueira social se torna mais ampla e a critica desses olhos sem cristalino reafirma a imaginação fertil que criaram de forma “correta”, uma “verdade”, aparente... como pessoas revolucionárias?

Revolucionário?

O uso do termo dentro de contexto que pretensamente está construido sem nenhuma originalidade aparente, com fundamentos teoricos ultrapassados e que não se sustentam diante das antinomias da sociedade do século XXI é totalmente forçado e sem criatividade.

Nabat ou Confederação das Organizações Anarquistas na Ucrânia

(parte do livro Los Anarquistas Russos de Paul Avrich)

O despotismo tem ultrapassado dos palácios dos reis para os circulos dos comitês. Não são as vestes reais, nem o cetro, nem a coroa que faz uma monarquia ser odiada, mas a ambição e a tirania. Em meu país não se passou mais do que uma troca de figurinos. Jean Varlet, Explosión, 1793.

Durante séculos, a Ucrânia tem sido o paraíso para toda sorte de fuga de servas rebeldes, bandoleiras e outras fugitivas da justiça czarista e da aristocracia privilegiada. Esta tradição não terminou com o fim da monarquia. Em 1918, quando o novo regime bolchevique começou a suprimir ativamente a todos aquele que se opunham, as pessoas

anarquistas de Petrogrado e Moscou voltaram a se agrupar nas “terras selvagens” do sul, buscando refugio em uma região que quinze anos antes havia sido o berço de seu movimento.

Ao chegarem na Ucrânia, as pessoas refugiadas do norte, se contactavam, sem demora, com a grande quantidade de suas companheiras anarquistas que haviam saído da prisão e do exílio desde a Revolução de Fevereiro. Carcóvia, onde já haviam tentado sem exito uma unificação do movimento em 1917, voltou a ser a base de um novo impulso de unificação dos dispersos grupos anarquistas, com o fim de se converter em uma força revolucionária coerente. O resultado desse novo impulso foi o Nabat (tambor de alerta), ou “Confederação das Organizações Anarquistas”, que no final de 1918, havia estabelecido sua coordenação geral na Carcóvia e seções promissoras em Kiev, Odessa, Ekaterinoslav(Dnipro) e outras importantes cidades da Ucrânia. A Confederação apoiou a constituição da União dos Ateus, e em seguida se lançou a formar um amplo movimento juvenil por todo o sul da região.

Volin, antigo diretor do periódico sindicalista Golos Trudá, fui um dos guias teóricos da nova agrupação. Para ele, o Nabat era o corpo embrionário do que denominava “anarquismo único” (edinyi anarjizm), isto é, uma só organização que abrangesse anarco-comunistas, anarcossindicalistas e

individualistas anarquistas, ao mesmo tempo que garantia um grau importante de autonomia para todos os grupos e pessoas participantes. Mas o esforços de Volin para agrupar as dispersas vertentes do anarquismo terminaram bruscamente quando, por um curioso paradoxo, a maioria de suas pessoas companheiras anarco sindicais se negaram em se unir ao Nabat. Para essas, o "anarquismo único" foi considerado uma fórmula ineficaz e equivocada de unificação, e temiam que o anarco-comunistas se convertessem no setor dominante da nova confederação.

Além de Volin, as referências mais destacadas do Nabat eram as veteranas anarquistas Arón Barón e Piotr Arshinov. A trajetória de Barón como anarquista se iniciava na Revolução de 1905, quando foi deportada para Sibéria por sua participação no levantamento. Sem constrangimento, conseguiu escapar para os Estados Unidos da América, passando os primeiros anos da Primeira Guerra Mundial em Chicago, onde conjuntamente com sua esposa Fanya foram presas e maltratadas pela polícia por fomentarem manifestações contra a guerra. Ao voltarem para Rússia em 1917, Barón se converteu rapidamente em uma conhecida escritora e conferencista na área da Ucrânia, sendo reconhecido pelo sindicato de pessoas padeiras como seu representante no soviete de sua cidade. Após a insurreição bolchevique (golpe), Fanya e Arón se mudam para Carcóvia e ajudaram a impulsionar o movimento Nabat. Além de seu posto no Secretariado do Confederação, Barón trabalhou com Volin como codiretor do jornal Nabat.

Piotr Andréevich Arshinov foi um bolchevique antes de passar para as fileiras anarquistas em 1906. Como metalúrgico no subúrbio industrial de Ekaterinoslav, se dedicou em fazer propaganda anarquista onde trabalhava e formou uma célula anarquista entre suas pessoas

companheiras de trabalho. Além de suas atividades como agitador, Arshinov participou também de ações terroristas que o levaram a prisão e encarceramento. Conseguiu escapar, para voltar muito rápido para Rússia, onde foi novamente detido por introduzir literatura anarquista pela fronteira austríaca. Durante sete anos definhou em uma prisão de Moscou, até a anistia decretada pelo Governo Provisório após Revolução de Fevereiro. Depois de sua participação ativa na Federação de Anarquistas de Moscou, Arshinov voltou para sua Ekaterinoslav natal, entrando no Comitê de Anarquistas da Bacia do Donetsk (como diretor do jornal Golos Anarjista), e dando conferencias as pessoas mineiras e trabalhadoras da área, como fizera dez anos antes.

Entre as pessoas participantes mais jovens da Confederação Nabat, as que se destacavam eram Senia Fleshin, Mark Mráchnyi (Klavanskii) e Grigorii Gorélik (chamado de “Anatolii” por suas companheiras). Fleshin, nascido em Kiev em 1894, trabalhou nos escritórios da Mothe Earth, de Emma Goldman, na cidade de Nova Iorque durante a guerra, voltou para Rússia em 1917 e se estabeleceu na Carcóvia. Mráchnyi havia sido membro ativo do movimento estudantil na Carcóvia. Pouco depois de terminar seus estudos, aderiu ao Nabat, responsabilizando-se de estabelecer uma imprensa clandestina na Sibéria sobre os auspícios da Confederação, missão que foi desenvolvida com aparente exito.

A terceira jovem citada, Gorélik, voltou para Rússia em 1917 depois de seu exílio estadunidense, atuando como secretario do Comitê de Anarquistas da Bacia do Donetsk antes de aderir ao Nabat.

No bloco de coordenadoras do Nabat também se encontrava o Nikolai Dolenko, uma camponesa autodidata da província de Poltava. Sobre o nome de M. Chekerés escreveu numerosos artigos para os jornais anarquistas mais importantes durante os anos da guerra, incluindo o Golos Trudá de Nova Iorque, e publicação, expressivamente antimilitarista, de Genebra Put k Svobode, dirigida por Roschin e Orgiani. Mais recentemente, como verificado, trabalhou com Maksímov e Iarchuk como uma das diretoras do Vólnyi Golos Trudá em Moscou. Finalmente encontramos Olga Taratuta, a terrorista de Ekaterinoslav, provavelmente a mais famosa das bezmotivniki envolvidas no atentado do Café Liebman de Odessa em 1905. Liberada da prisão de Kiev em março de 1917, cansada e vencida, próxima de fazer 50 anos, permaneceu a margem de suas companheiras e se retirou para Kiev onde trabalhou na Cruz Vermelha dali. Mas as implacáveis perseguições da Tcheka contra as pessoas anarquistas fez despertar sua ira em 1920, voltando ao campo de batalha e unindo-se a Cruz Negra Anarquista, fundada por Apollón Karelin para ajudar as pessoas anarquistas presas ou exiladas pelos comunistas.

A Confederação Nabat celebrou sua primeiro congresso em novembro de 1918, na cidade de Kursk. Ao contrário da Federação Pan-Russa de Anarquistas de Moscou, o grupo Nabat se opunha ao conceito bolchevique da “ditadura do proletariado”, ou a qualquer outra “etapa transitória” que pudesse preceder a sociedade sem estado. A Revolução Russa, foi proclamado no congresso, não era mais que a “primeira onda” da revolução mundial, que estava destinada a prolongar-se até substituir a ordem capitalista por uma federação livre

de comunas urbanas e rurais. Sem constrangimento, ainda que se mostrassem totalmente criticas a ditadura soviética, as pessoas delegadas consideravam que os “brancos” representavam um perigo maior, e decidiram opor a estes organizando seus próprios destacamentos guerrilheiros, que atuariam fora da estrutura oficial do Exército Vermelho. Na esfera econômica, a Confederação apoiava a participação anarquista nos sovietes que não estivessem sobre a influência dos partidos políticos, nos comitês de fábrica não dominados pelos sindicatos (os sindicatos se tornaram “organizações trabalhadoras completamente adormecidas”), e os comitês de camponeses pobres. Por fim, a Confederação voltou a insistir na necessidade de criar federações estáveis de grupos anarquistas em níveis de distrito, cidade e nação, e na necessidade de desenvolver um grau de solidariedade muito mais intenso no seio do movimento.

Os mesmos temas dominaram o segundo congresso de Nabat, que teve lugar em Elizavetgrado cinco meses depois, em abril de 1919. Escrevendo no jornal da Confederação pouco depois da abertura do Congresso, Senia Fleshin dava uma ideia do tom do encontro quando acusava as pessoas comunistas de levantar “uma muralha da China entre elas”. O Congresso, fazendo eco dos protesto de Fleshin, deplorava o fato de que num tempo haviam comitês de trabalhadoras livres e espontâneos da Rússia revolucionária, estavam agora absorvidos pelo sindicatos, “meros aparelhos oficiais, político-administrativo e mesmo policial das novas pessoas chefes-exploradoras representadas no Estado”. Também os sovietes se converteram em instrumentos da autoridade estatal, declaravam as delegadas, que fizeram um chamamento em favor de sua substituição por comitês não políticos de todas os grupos – comitês de fábrica e camponeses, comitês de bairro, comitês culturais e educativos. As pessoas delegadas abriram

fogo contra suas próprias companheiras, condenando o "anarco-sovietismo" e o "pan-anarquismo" dos irmãos Gordin. Mais ainda, atacavam o "sectarismo faccional" dos anarcossindicalistas (que haviam se negado a aderir a Confederação) e se negaram a enviar uma delegação ao terceiro Congresso Anarco-sindicalista de Toda a Rússia. Mas estes ataques contra os demais grupos anarquistas pouco contribuíram para atingir o principal objetivo do Nabat, o de conseguir a unidade dentro do movimento.

Sem constrangimento, a Confederação Nabat se encontrava em comum acordo com o resto das pessoas anarquistas em um ponto fundamental: que a tarefa mais urgente do movimento anarquista era defender a revolução contra a investida Branca, mesmo que isso significasse uma aliança pontual com as pessoas comunistas. Porém, o mesmo que havia ocorrido um ano antes no Congresso de Kursk, o Congresso de Elizavetgrado decidiu boicotar o Exército Vermelho, denunciando-o como uma organização autoritária dirigida "de cima para baixo", dentro das tradições tipicas militares. Nabat depositava suas esperanças em um "exército guerrilheiro", organizado espontaneamente entre o povo revolucionário. E as coordenadoras do Congresso entendiam como núcleo fundamental desse "exército guerrilheiro" os bandos de guerrilheiras que operavam no interior da Ucrânia sobre a orientação de Nestor Makhno.

ANARQUISTA

Construir a emancipação através de nossa união!

anarkosindicalismo – anarkocomunismo – anarcoletivismo – individualidades – anarkafeminisma – anarkopunx – anarquia verde –

IFA BRASIL

solidariedade
federalismo
autogestão
igualdade
liberdade
dignidade
luta

anarkio.net

LIGA

COMUNA ANARC@PUNK AURORA NEGRA (SP)

iniciativafa-bra@riseup.net
fenikso@riseup.net
liga-rj@riseup.net
revoltaap@gmail.com

Iniciativa Federalista Anarquista
associada a Internacional de Federações Anarquistas

IFA

Amu la bestoj!
Arte W.Kolinska
Manĝi legomojn!

Identidade

Os sentimentos de identidade e pertencimento são uma questão a parte. As pessoas tendem a constituir grupos e se perceberem distintos entre si. Somos uma espécie que tem vivido sempre em rebanhos, e a quem goste de classificar e comparar. Para que se sintas diferente, faz comparações. Só com o contraste se reflete sobre as diferenças. Essa reflexão é o que produz uma classificação, uma escala, uma hierarquia, nós/eles.

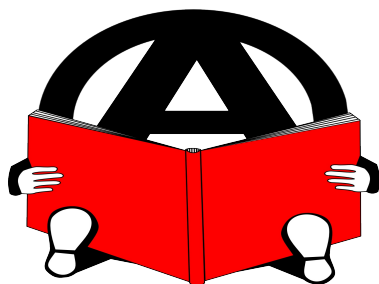
É difícil imaginar nos dias de hoje, um mundo povoado por humanos, que todos façam a mesma coisa em todo o planeta. No mundo anarquista seguramente haverá diferenças de idiomas, diversos dialetos, estilos de vestir, variedade na preparação de comida, diferenças culturais, ritmos diversos de alerta/sono... As pessoas de um grupo consideraram – possivelmente – seus costumes como bons e das outras como extravagâncias e excentricidades. A este fenômeno se denomina etnocentrismo: observar outras pessoas com as bases de tua cultura. Mas estou segura de que estas distinções, e formas de vive-las, o serão de uma forma completamente distinta na sociedade anarquista (sem poder) como é agora, com a existência do Estado.

O uso do sentimento de identidade pelo Estado

O Estado ocidental, capitalista, (ou a quem aspira ser), para melhor exercer a dominação, procura fazer homogenea a população sobre os pontos que determina o fundamento nacional. Ele sabe que os sentimentos de identidade e pertencimento são algo muito forte.

Funcionam como forças que sustentam a sociedade, e dão um sentido a comunidade. As pessoas, quando estão motivadas e amam algo, são capazes de morrer e de matar por isso. É um sentimento muito útil para um mandatários.

A identidade se cria em torno de marcadores de identidade. Os marcadores são os aspectos da cultura que se proclamam fundamentais, intocaveis, sagrados, separam etnias, e sempre são poucos. Pode ser o território (deste rio até aquela montanha0, o idioma (latino ou farsi), uma forma de expressão cantada (o fado ou tango), o oficio predominante (peões ou agricultores)... Os marcadors de identidade variam muito de um lugar para outro. Os marcador de identidade faz com que as pessoas que o compartilham, por mais diferentes que sejam, possam pertencer a mesma etnia. E vice-versa: esses marcadores de identidade diferenciadores permitem listar todas as similitudes entre etnias diferentes, que sejam muitissimas. Dentro desses marcadores, há sinais de identidade. Por exemplo, um pano cobrindo a pele de uma mulher pode indicar que é uma boa mulçumana (religião), moderta e respeituosa (regras morais). Remover esse pano para liberta-la, pode ser uma falta de respeito tão horrivel para ela como deixar um ocidental nu em praça publica.

Uma vez construido este sentimento de identidade, se vive de uma forma hierarquica. Eles e nós. Será dito, escutará, que os outros povos são formados por gente barbara e inculta. Da Africa vem uma gentalha em busca de subempregos. Dos Estados Unidos, ignorantes e porcos. E quem não ouviu falar dos filhos e filhas da Grã-Bretanha, dos cara de paus italianos e argentinos... E de povos que nem te conto. Exatamente os mesmos piores comentários se fazem a vossas pessoas.

Sentimento de identidade e anarquismo

Mas a identidade não tem porque ser vivida dentro da hierarquia do eu sou o melhor. Também funciona no sentido horizontal e igualitário. Se algo tem caracterizado a espécie humana durante milênios foi a hospitalidade. Se pode pensar que os demais são gente rara, que fazem coisas diferentes e respeita-los como iguais.

Também se deve diferenciar respeito de tolerância. A tolerância implica em algo parecido com resignação. Como não se pode converter os demais no que quer, se deve aguenta-los e ter paciência. Mas não. O anarquismo implica igualdade, e a igualdade, em respeito a diversidade. Esse respeito não se aplica a toda diversidade. O anarquismo não é dominar e nem ser dominado, e por isso se opõe a todos os costumes que sejam de dominação, exploração, submissão, poder e autoridade.

Tenha em conta que a religião, o machismo ou o dinheiro, formam parte da cultura compartilhada, assim como o idioma ou os touros em festas de santos. Porque cultura é tudo que os homens fazem que não está escrito no gene, tudo quanto não seja determinismo biológico, tudo que parte de sua arbitrariedade. Por isso o anarquismo não respeita toda a cultura, mas sim quer mudar os aspectos mais deploráveis, e constituir para cada um em primeiro lugar, uma sociedade sem poder e nem autoridade.

Como o Estado constrói vossa identidade?

Através da manipulação de seus simbolos culturais e da história. O poder cria uma fantasmagoria, e nos diz que existe uma coisa chamada Nação, que é vossa Pátria. Desenha simbolos: bandeiras, uniformes, escudos, eventos desportivos, inventa tradições... Manipula a história inventando o mito da origem comum do povo, de seu destino, recordando as ofensas recebidas de séculos atrás... Fazem acreditar que formam parte de algo grande e coletivo e que vossa posição no esquema de poder é algo natural, porque há algo que desde o nascimento a cova, une militar ao pacifista, o padre ao ateu, o rico ao pobre...
Deve se ater que a história que lhe contam não é verdade, mas sim um relato inventado que sevre para controlar vosso comportamento presente. O que é ofertado pe a história do Poder, de suas guerras, massacres, casamentos, intrigas... A nossa história mesmo está por fazer, por escrever, mas não sabemos ou não podemos.

Esse relato mitico é transmitido pelos meios de comunicação e pelo sistema educativo. Os obrigam a estudar a literatura nacional, os fazem servir no exercito nacional, os convertem em cidadãos da Nação, lhe entregam um documento de identidade... submisso ao Natal e a Loteria Nacional...

Construção de superidentidades

Por exemplo, agora estão construindo pelos os Estados, a identidade europeia. Se busca um mito de origem comum por exemplo: Grécia e Roma. Se organizam forças armadas em comum, instituições políticas, se idealiza um democracia, se estuda uma legislação comum, se promove o inglês como um segunda língua... Toda essa falsidade identitária se articula em tornos dos Estados. E a televisão e os periódicos os bombardeiam com a ideia de Europa e o idilio de suas nações. Mas a história da Europa é uma das mais violentas das culturas do planeta. A história de suas guerra tem mais de 2.000 anos. Os povos da Europa tem sido um dos mais

belicosos do mundo. Para criar a Europa tem que ser por um ato de fé.

Rotulagem e poder de definição

Foi etiquetado por grupos que tem poder de definição. Ser judeu durante muito tempo, era ser avaro, sanguinário, ruim no pior dos sentidos. Ser etiquetado como judeu, era uma das piores estigmas possíveis. Um dos maiores poderes que existem é de poder etiquetar as pessoas, definir seus compartimentos e converte-los em peças raras que necessitam estudos, ajudas, expulsões ou aniquilamento. O Poder pode assim predizer comportamentos e exercer dominação com mais facilidade.

As identidades pessoas existem, e as culturas. É correto. Mas isso não tem nada haver com as rotulagens que emprega o Estado e seus aspirantes a discriminar, segregar, homogeneizar e destruir culturas humanas, visando obter domínio e submissão. Isso ocorre tanto em um Estado já constituido, como em um grupo político que aspire a criar um novo. Qualquer poder sempre intentará a difinir os diversos coletivos impondo-lhes uma visão única de sua identidade e de sua unidade.

Idiomas

Os Estado podem ter um idioma oficial em territórios em que sejam plurilingues, ou determinar idiomas oficiais para diversas partes de seu território. Para que o Estado nacionalista imponha um idioma comum, tem que eliminar pouco a pouco os chamados dialetos e os idiomas minoritários. A saber, os múltiplos idiomas que existem no território que domina o Estado são desvalorizados, menosprezados ou até proibidos. O processo de inculcação sistemático deste idioma oficial (idioma normalizado) se realiza através da escola e do sistema de prêmios e castigos, que fazem aqueles que falem bem a língua oficial – o que excluí o proletariado e o camponês sem estudos – tenham acesso a bons cargos e melhores empregos.

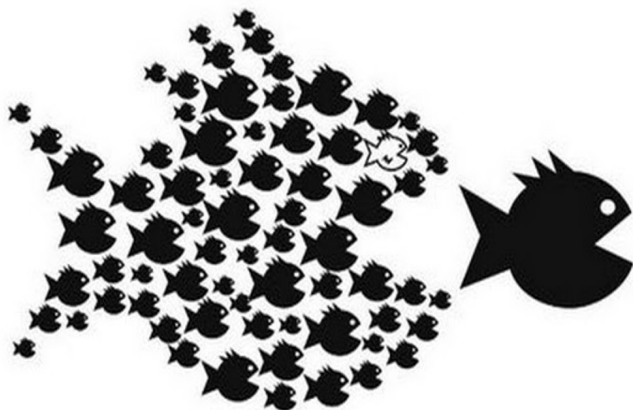
Idiomas de classe

Há que ter em conta que não só existem variações de dialetos em municípios de mesmo idioma, mas que também existem variações de classe social: não se fala igual a aristocracia e a plebe.

A elite dominante desvaloriza sempre a fala do povo, e extende a ideia de que é uma fala grosseira, rude, sem vocabulário e nem sintaxe, e incapaz de expressar os elvados conceitos e pensamentos.

É mentira!

A pessoa com menos estudos do mundo, e mais ilhada do planeta, pode se expressar em seu idioma qualquer tipo de inquietação, e pode traduzir seu discurso a outras línguas, e a sua vez entender as traduções que lhe chegam: todos os idiomas tem a mesma base. Mas a estratégia do Estado faz que a gente comum, que sabe falar e se comunicar por natureza, deva aprender um idioma oficial usado para buscar trabalho ou ir a universidade, abandonando sua fala materna.

Há muito tempo o Estado e o Poder nacionalista diz as pessoas o que é apropriado falar, o que precisa falar e como tem que falar, para que desta maneira se tornar homogeneo o que é heterogeneo, e criar assim um sentimento de Unidade no que se identifique a população dominada.

Rafael Braga

Pessoa Presa e

Perseguida Política pelo Estado Brasileiro

Liberdade e Indenização JÁ!

anarkio.net

Lembre-se

O anarquismo é dinâmico,
vivo e de amplas possibilidades,
sem opressão e
sem exploração ...

ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS "VALORE$" TE MANIPULAR!

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra - fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista